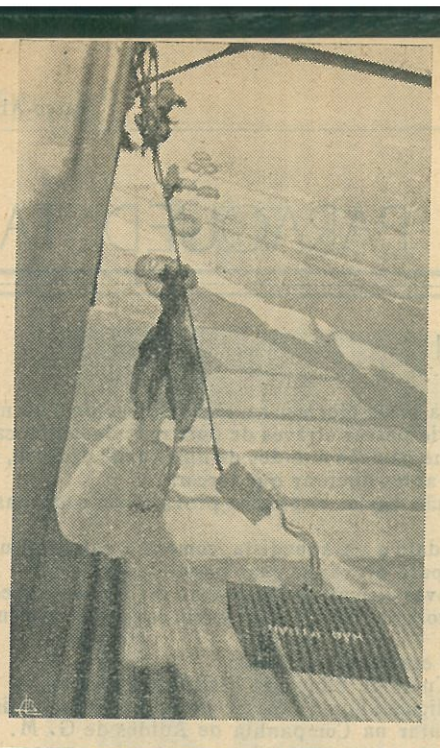


# SALTA!

ORGÃO MENSAL DO PARAQUEDISTA

ANO II — Março-Abril de 1958 — N.os 19-20

Redacção e Administração
BATALHÃO DE CAÇADORES PARAQUEDISTAS

Visado pelo Ex.mo COMANDANTE

## EDITORIAL

## VOLUNTARIADO

**«Declaro que desejo servir nas Tropas Paraquedistas».**

Ser voluntário é uma das primeiras caracteristicas do paraquedista militar.

Poderá citar-se que também em muitas outras actividades, o voluntariado é a base de uma doação a um Ideal. Mas aqui é diferente.

O homem que se declara voluntário para as Tropas Paraquedistas é submetido a provas e experimenta um pouco da dureza que será o seu «pão nosso de cada dia». Se, depois disso, mantém a sua decisão, assume responsabilidades de um voluntário especial.

Porque ser Paraquedista Militar não é só saltar em paraquedas. Aqueles que pensaram que a sua declaração de voluntariado era só para isso, confundiram uma unidade militar com um clube desportivo.

Felizmente, os candidatos, enquanto frequentam o curso de formação, têm oportunidade de saber e sentir que os espera algo mais. Assim mesmo, devem considerar que os esforços pedidos no curso representam uma parcela ínfima de sacrifício. Depois, vi á não se sabe o quê.

Na rmais cómoda das hipóteses, serão três an s de serviço quási sempre dentro do Polígono: treino, serviço interno, trabalho. Aparentemente, muita rotina e poucos sacrifícios. Na realidade, os que germinam os seus três anos têm que contar àcerca dessa «rotina».

Considerando uma hipótese menos cómoda, poderão ser três ou mais anos de serviço diferente; talvez longe do Polígono; talvez pondo em prova real a fibra e o nível técnico que a selecção e a preparação fazem esperar de cada homem; então serão responsabilidades e sacrifícios redobrados.

Mas deixemos de lado as hipóteses. Pouco interessa considerá-las porque o Paraquedista estará preparado para o provável e para o inesperado. Acolherá com o mesmo ânimo, o fácil e o difícil, o rotineiro e o excepcional. Sempre afoito, nunca se surpreende.

Servir nas Tropas Paraquedistas é ser voluntário para tudo o que se pode pedir a um soldado. E' desempenhar cada missão surpreendentemente bem. E' ter uma juventude que leva a desejar o árduo, o invulgar, o desconhecido.

Este desejo foi para muitos a razão n.º 1 do seu oferecimento. Outros houve que, ao firmarem a sua declaração, só viram algumas das características mais aparentes do paraquedista: o saltar, a boina, o vencimento diferente. Que procurem logo ver o reverso da medalha e deparação com Dureza, Esforço, Persistência e Iniciativa.

E não sòmente nas empresas excepcionais se evidenciam estas qualidades. Também nas tarefas do dia a dia há ocasião de aplicá-las.

O paraquedista executa o que lhe mandam e mais: toma iniciativas e colabora de motu próprio em todas que tenham por finalidade elevar o corpo a que pertence. O espírito de corpo manifesta-se por iniciativa e colaboração. O comodismo de só fazer o que lhe mandam, da maneira mais económica, não é próprio de um verdadeiro voluntário.

Para lembrar aos que vem, essa característica indispensável de Vivacidade e Espírito de Iniciativa, poder-se-ia dizer-lhes à chegada: Não queremos cá «mortos»!

Aquela fórmula curta e simples escrita em vulgar papel de 35 linhas diz: voluntário para servir nas Tropas Paraquedistas.

Servir nas Tropas Paraquedistas e ser Voluntário para tudo e sempre Voluntarioso.

*S. C.*

# III CURSO DE PARAQUEDISTAS

**Terminou no passado dia 31 de Março, o III Curso de de Paraquedistas efectuado em Portugal. Neste curso, que teve início no dia 20 de Janeiro, tomaram parte 112 alunos.**

**Ainda que todos os alunos mostrassem vontade em concluir o curso com aproveitamento, nem todos conseguiram passar as difíceis fases da instrução que lhes foi ministrada.**

**Assim, no 10.º salto, o que lhes dava direito ao brevet, vimos tocar o solo, sòmente, 61 alunos. Neste salto, foram precedidos duma patrulha de veteranos que, na própria zona de lançamentos, fizeram entrega das boinas verdes aos que acabavam de conquistá-las.**

**«...SALTA» felicita os novos paraquedistas:**

*Tenente Bragança Moutinho; Alferes Labescat da Silva, Pardal Morcela e Campos Sardinha; Aspirantes Pereira Morais e Ramos Carreiro; 2.º Sargento Vitor dos Santos; Furriel Leitão da Silva; 1.º cabo mil.º Luis dos Santos; 1.os cabos Ventura Pinto, Rodrigues Alves, Alexandre Fernandes e Rosa Gaspar; Soldados Luis Cardoso, Ferrão Martins, Lopes Anginho, Lucas Candeias, Chaveiro Rita, Conceição Marques, Valente da Silva, Martins Nogueira, Fernandes de Almeida, Leopoldino Braz, Saraiva Carneiro, Santos Roque, Caetano das Neves, Bento da Rosa, Teixeira da Mota, Machado Rodrigues, Fernandes Arcanjo, Oliveira Matias, Nascimento Vaz, Manuel Gonçalves, José de Castro, Ferreira Afonso, Afonso Domingos, Martins de Campos, Correia Dias, Rodrigues de Sousa, Oliveira Vitorino, Ferrinho de Barros, Santos Madeira, Maria Barradas, Ventura de Carvalho, Correia Godinho, José de Oliveira, Alhinho Gomes, Augusto Caldeira, Veterano José, Fernandes Cardoso, Mendes Carujo, Máximo dos Reis, José dos Anjos, Santos Rodrigues, Duarte Marques, Domingos Alves, Pais dos Santos, Rosário Lourenço, Simões Calado e Inácio Baptista.*

**No dia 1 de Abril, depois duma missa campal e um desfile, a que assistiu e tomou parte todo o pessoal do Batalhão, efectuou-se a cerimónia da imposição dos «brevets», os quais foram entregues pelos Srs. Brigadeiro Director do Serviço de Recrutamento e Instrução da Força Aérea, Comandante da Base Aérea 3 e Comandante da Escola Prática de Engenharia.**

**O Batalhão de Paraquedistas conta com 61 novos elementos. Quase todos, indubitàvelmente, guardarão recordações dos bocados amargos por que passaram. No entanto, sentir-se-ão radiantes por terem conseguido alcançar aquilo por que lutaram durante cerca de dois meses: o titulo de PARAQUEDISTA.**

# I.º SALÃO FOTOGRÁFICO DA FORÇA AÉREA

Com cerca de 400 trabalhos expostos, de diversos concorrentes, realizou-se durante o mês de Março, o I Salão Fotográfico da Força Aérea, no Palácio Foz, em Lisboa.

Ali estiveram reunidos trabalhos de elevado nível artístico e, podemos dizer que esta exposição constitui um assinalável êxito. Durante o tempo que permaneceu aberta ao público, foi visitada por elevado número de pessoas, entre as quais algumas consagradas na arte fotográfica.

Depois de apreciados os trabalhos pelo júri presidido pelo Sr. Gener. Venâncio Deslandes, arbitrou o mesmo, por maioria de votos, a «Taça I Salão Fotográfico da Força Aérea» ao Bat.º de Paraquedistas.

## A ti, obrigado!

A ti,
Que me permitiste voar,
Que me arrancaste o mêdo da altura,
Que me deixaste demonstrar
O valor da vontade
E extraordinária bravura
Que poderão existir em mim...

A ti,
Confio o meu corpo,
A minha alma cheia de ambições,
O cumprimento do dever,
O meu dia de amanhã,
A possibilidade de vencer
Tudo o que em mim é mesquinho e apagado

A ti
OBRIGADO!

**(1.ª menção honrosa, no I Salão fotográfico da Força Aérea).**

# III CURSO DE PARAQUEDISTAS

Antes de entrar pròpriamente no âmago das minhas impressões quero fazer umas pequenas considerações no sentido de esclarecer todo aquele que ler este artigo, que não tenho pretensões de carácter crítico nem tão pouco de jornalístico, mas impõe-se-me, simplesmente, traduzir todas as sensações que experimentei no decorrer do Curso

É muito provável e até natural que elas se não adaptem às dos restantes porque cada um trazia uma idéia formada, como cada um tem o seu «modus» de interpretar os fenómenos em que toma parte. Todavia, não é meu propósito descrever o que se passou com os outros, mas sim relatar, tanto quanto minucioso me é possível, as minhas impressões. Parra isso terei que voltar um pouco atrás e dizer, resumidamente, o que pensava da vida de um paraquedista e quais as suas aptidões para satisfazer às necessidades desse «meu» paraquedista.

Em Julho de 1957, assisti, num festival aeronáutico em Moçambique, a um exibição de paraquedistas sul-africanos, que considerei espectáculo de rara beleza e inexcedível audácia; eles lançaram-se em salto de abertura retardada de 15 segundos, e durante a queda livre executaram algumas evoluções impecáveis no espaço.!

A lição que tirei desta demonstração foi, de que o paraquedismo devia ser um desporto para indivíduos de condição superior à mediana, na sua vontade de vencer, na real consciência das suas possibilidades, de absoluto conhecimento do «metier», e capazes de se tornarem senhores da situação, nas mais díspares circunstâncias. O seu sangue frio, a sua audácia, a fé em si próprios e o desprezo pela vida(!) faziam deles, não um grupo de indivíduos destemidos e descontrolados a procurar uma morte espectacular, mas homens conscientes e perzpicazes, senhores da sua vontade, de desejos firmes e inabaláveis, com confiança, com fé e coragem, dispostos a tudo pelo ideal que abraçaram.

Nas minhas horas de ociosidade, em jornais e revistas, lera algumas passagens da vida dos paraquedistas em França e nos Estados Unidos. Estranho ao paraquedismo e ao espírito, a minha ideia era muito rudimentar, para não dizer quase nula, sobre o que seria o paraquedismo militar. Todavía, dedicava uma atenção especial aos seus feitos, sempre coroados de êxito, maior ou menor, mas no fundo, sempre êxito! As missões mais delicadas eram sempre confiadas àquela arma que sempre se houve de forma a merecer confiança nas suas possibilidades e no seu pessoal. Em Portugal, o paraquedismo estava em embrião, mas tinha já demonstrado possuir e viver aquele espírito uno e comum que o caracteriza, fonte de cooperação e unidade, convicção e empreendimento, confiança e iniciativa, que fazem dele uma arma de elite.

As aptidões que eu imaginava para o paraquedista eram o seu desembaraço físico e intelectual aliados à sua indubitável sanidade orgânica e funcional e ainda uma formação moral elevada.

Foi com estas idéias básicas que me propuz ao III Curso de Paraquedistas durante o qual tive oportunidade de verificar até que ponto o meu desconhecimento sobre paraquedismo se encontrava, dadas as surpresas que vem encontrar naqueles dois meses de sacrifício, de vida dura, onde a cada momento se nos deparavam dificuldades e problemas a resolver, dois meses de sacrifício, de vido dura, onde a cada momento se nos deparavam dificuldades e problemas a resolver, dois meses de inferno em que o corpo pagava penosamente todas as faltas que involuntràiamente eram cometidas.

Nas primeiras 4 semanas de adaptação, havia a preocupação de criar no aluno uma formação física que lhe permitisse suportar todas as exigências do Curso bem assim uma «endurance» e desenvolvimento muscular, desembaraço e energia, resistência e espírito de sacrifício, atenção e coordenação de movimentos, prontidão e espírito de subordinação e ainda perfeição na sua execução.

Sob frio intenso ou chuva, a instrução decorria normalmente. Às primeiras horas da manhã dava-se início às actividades com uma sessão de ginástica de aparelhos que alternava com a calisténica e que qualquer delas constituia um dos maiores obstáculos a vencer em cada dia de trabalho. A instrução prosseguia com prelecções que tinham como finalidade rever minuciosamente todo o material de guerra, bem como conhecimentos de topografia, higiene, educação moral e ética militar—assuntos que nunca é demasiado insistir—e ainda sessões de ordem unida destinadas a uniformizar e cadenciar os movimentos; e palestras sobre as nossas províncias Ultramarinas com a finalidade de instruir o pessoal acerca do nosso potencial e vida da população daqueles territórios (Estas palestras eram confiadas aos oficiais que conheciam, de perto, aquelas provincias, bem como os usos e costumes das suas. populações).

A instrução diária finalizava com outra sessão de ginástica que alternava com um cross cujo percurso aumentava gradualmente até atingir os 5 Km; estes «crosses» que de início eram como que um passeio higiénico, passaram a fazer parte da nossa «lista negra» porquanto era com eles que se nos esgotavam as últimas reservas de energia. Momentos houve em que me pareceu ter atingido o limite das minhas forças; mas de dentes cerrados, a imaginação no infinito e o sentido de alcançar as ambicionadas «asas» que me guindariam ao ideal que arquitectara, conseguia sempre vencer ess obstáculo; e quando chegava ao

(*Continua na 4.ª página*)

# CANDIDATOS A PARAQUEDISTAS

II

Não se julgue que para ser paraquedista basta oferecer-se, cheio de um ideal ou uma ambição que tudo parecem vencer. É necessário passar através de uma rede de malha cada vez mais fina e que vai eliminando aqueles que não são dotados de uma saúde de ferro, um desembaraço físico notável e uma vontade de antes quebrar que torcer.

Querer, ou dizer que se quere, aqui não basta. É preciso prová-lo em cada passo, cada hora e cada gesto.

E depois de se haver oferecido, o candidato a paraquedista, começa a enfrentar uma série de obstáculos que lhe são apresentados para provar as suas possilidades.

O primeiro é o exame médico e as provas físicas que teem sido realizados respectivamente no Hospital Militar Príncipal e na Escola do Exército, por serem os estabelecimentos que melhores condições oferecem.

A Junta de Inspecção da qual fiz parte era constituida por:

Um oficial superior; Um oficial com o Curso de Educação Física do Exército; Um oficial médico do Exército; Um oficial médico da Força Aérea; e um oficial paraquedista.

Os candidatos foram mandados apresentar na Companhia de Adidos de G. M. L., onde ficaram à nossa disposição. Diga-se entre parentesis que, em geral o seu aspecto militar deixava muito a desejar e o seu fardamento era impróprio para ser visto numa cidade como Lisboa.

Em face das possibilidades do Hospital, eram mandados apresentar neste apenas 10 homens por dia. Normalmente eram examinados em duas clínicas e como estas eram 9, demoravam 5 dias para a inspecção completa.

Todos os dias os resultados dos exames médicos eram apreciados e uns candidatos eram logo eliminados; ou outros continuavam as inspecções.

Eram as seguintes as exigências nas diversas clínicas:

*Oftalmologia*—eliminatória, qualquer doenca dos olhos e deficiencia visual superior a 1/2 dioptria. *Otorrinolaringologia*—eliminatórias doenças das vias respiratórias, dentição imperfeita, deficiente audição, falta de sentido de equilíbrio. *Ortopedia*—eliminatórias, qualquer lesão ou anomalia do sistema ósseo—articular, ou deficiente constituição óssea. *Cardiologia* — Exige-se aparelho circulatório totalmente são o que é verificado por meio de electrocardiograma, medição da tensão arterial, auscultação, etc. *Neurologia*— exige-se reflexos bem condicionados e equilíbrio neuro-psiquico. Clínica-Geral—antropometria e preenchimento da ficha sanitária; exige-se integridade muscular; altura mínima 1,60 m.; perímetro torácico em função da altura. *Análises*—as necessárias; eliminatória a verificação de albumina. *Radiologia*—exame radiológico ao torax (e outros se necessários). *Fisioterápia* —exame de possíveis cicatrizes de origem cirúrgica; apreciação da constituição muscular.

E pronto! Aqueles que satisfizeram aos exames médicos vão passar às provas físicas. A malha da rede aperta. É mais um obstáculo, não o mais difícil, mas mais um.

Uns vencerão respondendo «presente» com desembaraço, energia e força de vontade. Outros fraquejarão porque a sua preparação não foi suficiente ou porque realmente não têm capacidade. Não é preciso ser super-homem, mas não há dúvida que nem todos podem cumprir.

As provas físicas compreendem:

*Provas psico-físicas*—destinadas a revelar o grau de decisão, coragem, autocontrole e espírito combativo; qualquer delas é eliminatória: combate de box, salto para uma lona; muro de pedra, pórtico.

*Provas físicas pròpriamente ditas*—constam da tabela abaixo indicada e não é admissível pontuação inferior a 10 em mais de uma delas.

| PROVAS | PONTUAÇÃO | | | | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| | 2 | 4 | 6 | 8 | 10 | 12 | 14 | 16 | 18 | 20 |
| Salto em altura | 0,80 | 0 90 | 1,00 | 1,10 | 1,20 | 1,30 | 1,40 | 1,50 | 1,60 | 1,70 |
| Salto a pés juntos | 1,60 | 1,70 | 1,80 | 1,90 | 2,00 | 2,10 | 2,20 | 2,30 | 2,40 | 2,50 |
| Corrida de 60 metros | 11'' | 10,4 | 10'' | 9.6'' | 9,2'' | 9,0'' | 8,8'' | 8.6'' | 8.4'' | 8,0'' |
| Subida da corda | 2,00 | 2,50 | 3,00 | 3,50 | 4,00 | 5 00 | 6.00 | 7,00 | 7,50 | 8,00 |
| Abdominais | 21 | 25 | 29 | 37 | 45 | 51 | 57 | 62 | 66 | 70 |
| Flexões de braços | 7 | 9 | 11 | 13 | 15 | 21 | 27 | 32 | 36 | 40 |
| Corrida de 200 metros | 51'' | 49'' | 47'' | 47'' | 43'' | 39'' | 36'' | 34'' | 32'' | 30'' |

*Continua na página 4*

# PARAQUEDISTAS—HOMENS DE ACÇÃO; HERÓIS SEM TEMOR...

(Extrato do programa da E. N. — «TRAÇO SOBRE AZUL», de 26/2/57)

A mais jóvem Unidade da Força Aérea Portuguesa é o Batalhão de Caçadores Paraquedistas. Criado em 1955, os seus primeiros elementos, escolhidos entre cerca de mil e quinhentos voluntários de todas as Armas e Serviços do Exército, Marinha e Aviação, foram mandados instruir em Espanha. Em Janeiro do ano passado foi o Batalhão mandado colocar na dependência do Subsecretariado de Estado da Aeronáutica e instalado em Tancos.

Tendo sido criado inicialmente como uma Unidade paraquedista pura, verificou-se em breve que dela se poderia tirar mais rendimento, alargando a sua acção até ao âmbito das tropas e assim colocando o «paraquedas» não como um fim das suas actividades mas sim como um meio, um dos meios de que as tropas especiais se servem para chegar ao contacto com o inimigo. Na realidade, o «salto» não é mais do que um acto preliminar de combate, e embora obrigue o homem a arrostar várias dificuldades, (das quais se destaca o mêdo de se lançar no espaço e o choque com o solo), por vezes pouco ou nada representa em comparação com as dificuldades que espera o combatente paraquedista depois da aterragem. As circunstâncias especiais—como os «comandos» da última guerra, os homens rãs ou os alpinistas—em que o paraquedista é normalmente obrigado a combater, exigem dele qualidades físicas, psíquicas e técnicas que ultrapassam muitas vezes em complexidade as exigidas pelo salto.

É a seguinte a missão operacional do Batalhão de Caçadores Paraquedistas, tal como se encontra definido por despacho de S. Ex.os os Subsecretários do Exército e da Aeronáutica:

— O B. C. P. (Batalhão de Caçadores Paraquedistas) deve estar em condições de ser utilizado quer como Unidade de Infantaria quer como Unidade de tropas «especiais». Pondo de lado a actuacção da Unidade como Infantaria, analizemos um pouco as operações especiais.

As tropas especiais entram em combate, normalmente, duma forma brutal, desordenada, muitas vezes individual. A Unidade não tem material pesado, munições em quantidade, viaturas; só excepcionalmente estarão completas, não têm sequer a esperança de serem rendidas. Por outro lado, a acção de pequenos grupos de homens atrás das linhas inimigas não é menos complexa, dadas as condições em que esses elementos trabalharão. Uma «operação especial» é um elemento de manejo e de acção muito delicado que exige, para não se quebrar mãos muito afinadas. Quem dele estiver encarregado e a sua equipe, devem ser, entre todos «operários qualificados». A operação não pode resultar se não fôr minuciosamente preparada e montada. Não tolera, sob pena de falência, nenhum retoque da última hora e exige que os executantes sejam combatentes de élite, isto é:

— técnicamente completos — físicamente superiores — dum espírito elevado dando todas as garantias de confiança. — Com um valor pessoal que os torne capazes de executar missões individuais.

O objectivo fundamental da instrução no Batalhão de Paraquedistas é formar tais homens. O carácter particular do nosso recrutamento, baseado no voluntariado e na selecção coloca-nos em condições excepcionais, favoráveis para dar aos nossos soldados um elevado espírito.

O VOLUNTARIADO assegura a adesão dos «recrutas» — chamemos assim aos candidatos a paraquedistas — aos nossos métodos e à nossa disciplina. Permite exigir de todo o pessoal o máximo rigor e os maiores esforços.

A SELECÇÃO assegura a qualidade dos elementos reconhecidos moral e físicamente aptos. Autoriza-nos a dar à instrução um ritmo mais dinâmico, e atingir conhecimentos técnicos mais profundos duma maneira mais rápida.

O pessoal instrutor dispõe dum material humano de boa qualidade que ao entrar para a tropa não quer senão cooperar, cuja vontade e desejo de progredir são grandes e que para receber o seu brevet «PARA» está pronto a submeter-se às mais severas provas e a uma estrita disciplina. É portanto evidenfe que é imperioso para todo o instrutor tirar o máximo partido destas disposições para transformar o «recruta» num combatente de primeira classe; e o ambiente da instrução deve tê-las em conta também. O treino será rude, viril, mas progressivo, e exigirá do homem o melhor de si próprio. Uma disciplina severa mas sem imposições vexatórias castigará a mínima fraqueza; o instrutor procurará conhecer os seus homens a fundo; desenvolverá entre eles, desde o primeiro dia, e ao máximo o espírito de camaradagem, confiança em si próprios, nos camaradas e nos chefes. A instrução será dada num ambiente de bom humor, optimismo, entusiasmo e emulação.

Sendo particularmente exigente para com o recruta, o instrutor tem para consigo próprio o dever de ser sempre um exemplo para os seus homens. Partilhará as suas fadigas, galvanizará e ajudará os menos fortes, tomará parte activa em todos os exercícios. Quando de sessões de instrução que apresentam certo perigo — os saltos, por exemplo — o instrutor estará sempre à frente e executará primeiro; tendo a mesma alimentação e o mesmo desconforto, é para os seus homens o chefe estimado e respeitado.

Esta COMUNHÃO DE VIDA E ESPIRITO DE CAMARADAGEM são os traços marcantes na formação das Unidades e sub-Unidades especiais, são os dois elementos dominantes dum autêntico ESPIRITO DE CORPO.

«O êxito pertence sempre a quem der provas de maior decisão, maior energia, maior tenacidade», disse um dos grandes chefes militares da última guerra (Rommel).

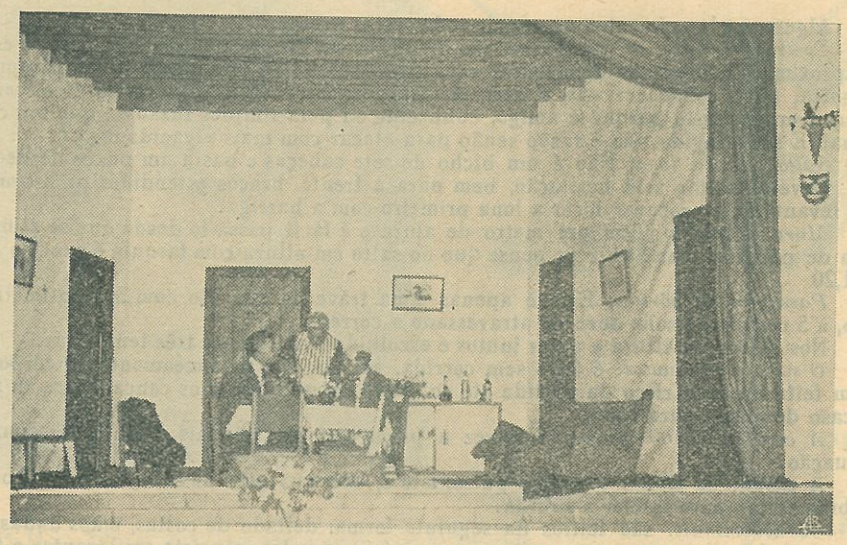
Porque as Unidades paraquedistas, pelo facto da selecção que sofre o seu pessoal quando do recrutamento, e pelo espírito que o anima são «Unidade de elite» há tendência para as empregar sempre que se possa, causando-lhe um desgate que se deveria evitar. Pesam na verdade na sua eficiência as condições que se seguem:

CONDIÇÕES METEOROLÓGICAS: um salto em operações efectua-se a cerca de 150 metros de altura e o avião largador, que tem necessidade ou pelo menos vantagem em ver a zona de saltos um certo tempo antes da largagem, deve dispor dum «plafond» de cerca de 500 metros. Acima de 7m/s de velocidade de vento, o salto é impossível em operações, em razão do grande número de acidentes que daí resultariam. As condições meteorológicas influem ainda largamente não só para o lançamento da Unidade mas também no seu reabastecimento e evacuação. Daí os feridos que não podem ser tratados, o racionamento de víveres e munições e a queda vertical do potencial da Unidade.

O TERRENO DE SALTO: Não se pode saltar em qualquer terreno: nas melhores condições e sem vento o choque ao chegar ao chão corresponde ao que saltando de 2 metros e meio de altura. Isto quer dizer que num terreno irregular com pedras ou buracos, a fractura e o «entorse» são riscos permanentes. Cinco por cento de acidentes ao chegar ao solo —o que é normal num terreno medíocre—representa para um Batalhão de mil homens, cinquenta feridos a transportar, antes ainda de começar o combate.

(Continua na 4.ª página)

# NÓS E... O TEATRO



Teatro!? . . . Não. Talvez uma «teatrada.» Não podíamos de forma alguma fazer teatro, com elementos que certamente nunca tinham sequer entrado nos bastidores. Contudo, no fim de alguns períodos de tempo, que as necessidades do serviço nos deixaram dispôr e de um pouco de vontade, conseguimos apresentar alguma coisa que se não foi bom, pelo menos, disseram-nos que agradou.

No dia 1 de Abril, em continuação das solenidades que se efectuaram nesse dia por motivo da entrega dos títulos aos novos paraquedistas, um grupo dos veteranos, apresentou na nossa sala de projecções, uma sessão composta por duas peças de teatro e um acto de variedades.

Tempo passado, e para solenizar o dia da apresentação da Bandeira aos nossos recrutas, apresentou-se novamente o mesmo programa com algumas alterações.

Seguidamente, damos um resumo do programa:

I PARTE — O CAMINHO É POR AQUI — Auto de Couto Viana
O DIABO A SOLTA — Comédia
POESIAS E MONÓLOGOS

II PARTE — ACTO DE VARIEDADES - Canções, monólogos e palhaçada.

Não podemos deixar de salientar as facilidades que foram concedidas pelo Ex^mo Comandante para que estas sessões se levassem a efeito e, se sobre aquele palco muita «gafe» se salientou, recordemos que os que o pisaram, estavam cheios de nervosismo, pois alguns pela primeira vez se encontravam perante o público.

Agora, resta que sigamos para haver alguma relação entre: «Nós e . . . o Teatro».

# VERDADES E MENTIRAS

Cada qual come do que gosta

Diálogos às oito e tal:
— Cá no Batalhão deve haver muitos floristas!
— Então porquê?
— Não vês a ginástica cheia de floreados.

⋈

Nova variante de exercício físico nos dias de chuva:
— Ginástica básica e . . . polo aquático!

⋈

Concurso
Dão-se cem paus à melhor resposta:
— Quantas horas estacionará no Porto um «JU-53» que sai às 18h00 de sexta e volta às 07h00 de segunda? (Para cálculo, considere que há vento de cauda, céu ligeiramente nublado ao norte do sistema Montejunto- Estrela e . . . mar chão! — Fórmula empírica).

A propósito de Clubes:
— O de Oficiais:
«Sociedade das Nações... à volta dum fogão»
— O de Sargentos:
«Nunca tantos lutaram tanto, por tão poucos lugares sentados»
— O de Cabos e Soldados:
«Quatro paredes mal caiadas. . . três mesas, quatro cadeiras. . . as bebidas bastante aguadas... para evitar borracheiras»

⋈

Uniformes novos:
— Há dias o B. Pinto quási se assustou ao ver um par de calças marchando fantasmagòricamente no meio da parada. Mas o B. Pinto não tem mêdo nem dum Batalhão de fantasmas. Aproximou-se e... desilusão! Lá dentro, ia o Pompílio!

Director e Editor
Capitão F. Soares Cunha
...SALTA!
Composto e Impresso na
Editorial Filatélica

# NOTICIARIO

Em Madrid funciona uma Escola de Aprendizagem de Caça Submarina. Parece estranha a localização dessa escola — tão longe do mar — mas é facto que uma simples piscina é suficiente para a iniciação no uso do escafandro autónomo. Menos compreensível é uma conclusão a que parece terem chegado: que as senhoras revelam mais aptidões que os homens.

◆

Na Escuela Militar de Paracaidistas—Alcantarilla — uma equipa de Oficiais e Sargentos está a treinar-se em saltos de abertura manual com vistas ao próximo Campeonato Mundial de Paraquedismo na Checoslováquia.

Este campeonato realizar-se-à em Bratislava, de 1 a 15 de Agosto.

Disputar-se-ão as seguintes provas:
— Salto individual, desde 1 000 metros de altura, com aterragem de precisão.
— Salto individual de precisão de aterragem com estilo, de 1 500 metros de altura, com abertura retardada de 15 a 23 segundos.
— Salto individual, de 2 500 metros de altura, queda livre de 30 a 45 segundos com execução de figuras e apreciação de estilo.
— Salto de precisão em grupo de uma altura de 1.500 metros com abertura retardada de 15 a 23 segundos.

No regulamento do Campeonato foram introduzidas alterações. Entre outras, a supressão do uso de cronómetro pelos concorrentes e a atribuição de pontos suplementares por aterragem de pé.

◆

Em Alcalá de Henares (Madrid) uma delegação francesa participou numa demonstração de lançamento. De notar que se utilizou o Nord - 2501 (avião francês idêntico ao C-119 americano) em lançamento de pessoal, material pesado e viaturas e que os espanhóis parecem interessados na sua adopção. De paraquedas, apenas se viram os triangulares já há tempos fabricados em série na Espanha.

◆

Uma unidade constituída por 500 Oficiais e soldados americanos foi equipada como um Batalhão soviético: uniformes, distintivos, armas, regulamento, táctica, tudo foi copiado do exército vermelho. Esta Unidade destina-se, em futuras manobras, a que os americanos tomem conhecimento do seu adversário eventual.

◆

Na Indonésia a agitação intensa chegou a ponto de lutas internas violentas. Os «paraquedistas governamentais», com as suas boinas vermelhas e os fatos camuflados de amarelo e verde, operam activamente na parte ocidental da Samatra. E não há dúvida de que são homens eficientes, disciplinados e que o seu equipamento, camiões, e jeeps russos, lhes permitem acção rápida e eficaz.

◆

Ineditismo na Televisão.

A TV francesa efectuou uma emissão directa de um avião em vôo, focando o salto de uma força paraquedista em exercício táctico.

◆

Próximo de Perpignan, um grupo de paraquedistas do 11.º Batalhão de choque, lançado em exercícios sobre uma praia, foi arrastado para o largo devido a uma brusca mudança do vento. Oito homens caíram à água e, apesar de serem ràpidamente socorridos morreram três deles.

# CÁ POR CASA

## PROMOÇÕES

Foram promovidos aos actuais postos:

Em 3 de Fevereiro, os 2.os Sargentos António Varzea e Joaquim da Trindade Moreno.

Em 27 de Março, os 2.os Sargentos Albano Marques de Carvalho, Renato José Gonçalves Durão e António Bernardo Monteiro Gonçalves.

Em 5 de Março, o 1.º cabo Eduardo Joaquim Bravo.

Para todos «... SALTA!» envia as suas felicitações e augura muitas felicidades nos novos postos.

## CONDECORAÇÕES

Foram condecorados com a medalha de Cobre de Comportamento Exemplar:

1.os cabos Manuel Marques da Silva, José Domingues Pica, António de Jesus Garrido, João Manuel Ferreira dos Santos, João António da Fonseca Cravidão, Agostinho Augusto Botelho e Silva, António Carlos Marques, Carlos Fernando Cabanas Pebre, António Maria Ferreira de Matos, Francisco Gil António, Joaquim Taborda Ribeiro Moreira, Amândio Carrilho de Carvalho, José Luís Marques Morgado, Nelson Armando Simões, Zeferino Ribeiro da Cunha, Joaquim Costa, Avelino António Martins Esteves e soldados Cesar Gomes, Alcino Pereira, José Major, José Vaz Sanches, João Paula Valente, Manuel Fernandes, Manuel Arlindo Simões, Eduardo Joaquim Bravo, Manuel Ferreira Antunes Pinhão e Félix Joaquim Xarope.

«... SALTA!» felicita os condecorados.

## VIDA ELEGANTE

Com prazer novamente inserimos nas nossas páginas o nome daqueles que deixaram a vida de solteiros e dos que aumentaram a sua família. Assim:

Em 8 de Março, o Sr. Tenente João Humberto de Ataíde Campos Costa com a Sr.ª D. Maria da Luz da Silva.

Em 23 de Março, o Furriel Abílio António Ferreira Echevarria com a Sr.ª D. Armanda Pinto Ferreira.

Em 26 de Janeiro, o 1.º cabo Laurindo José Cunha Cardoso com a Sr.ª D. Inácia Rosa de Oliveira.

## NASCIMENTOS

Em 16 de Janeiro, uma menina, ao 2.º Sargento António Varzea; ficou com o nome de Ana Paula Morais Varzea.

Em 26 de Março, um menino ao Furriel Agostinho Cavaco; ficou com o nome de Carlos Manuel Cavaco.

Em 22 de Janeiro, um menino, ao 1.º cabo Orlando José Palancha Vargas; ficou com o nome de Francisco António de Oliveira Vargas.

Desejamos saber os novos lares cheios de felicidade.

Aos novos seres desejamos uma longa vida cheia de ventura.

# OS NOSSOS POETAS

## INSÓNIA

Chegam em grupos os mortos que adorei
Em tempos já distantes... descuidosos
De rosto amigo e olhos lacrimosos
Aquela que ainda choro .. e chorarei.

Sonho cruel... Tristeza e dôr... Não sei.
Os braços já se estendem ansiosos
E a saudade, entre gritos jubilosos
Vai morrer saciada como um rei.

Mas, ai! O desprazer depressa vem
As frontes que avistei com ar cansado
Voltam a ter a palidez do Além...

Esfuma-se a fantástica visão
E eu fico novamente sepultado
Em treva... desespero e solidão.

*E. Carreiro*

## MOMENTO

Inquieta-me este silêncio agreste
Da vida que não vivi...
Quero tudo o que me deste
E odeio o que vem de ti...
O meu céu e meu mar
Deixaram de fundir-se
..estão separados pela linha negra do horizonte
Secou a água na fonte...
(Meu louco ansei de amar
quase de mim a evadir-se)
Sabe-me a boca a triaga
e o peito é cheio de fel.

Eu que sou todo mel
Se a tua imagem me afaga...

*L. Ferraz*

# O Dinheiro

Não tenho lido, ùltimamente, as publicações da especialidade, mas, segundo creio, as coisas da «ingricola» continuam a correr bem. A batata está felizmente a um preço animador, pois 1$80 e 2$00 já deve permitir que o produtor ganhe o seu pataco e que o pobre do intermediàrio arrecade, ao menos, dois tostões para o Santo António ou para o S. João de Alcanhões. O vinho também continua a um preço animador e, se forem cumpridas as profecias dum novo aumento, as coisas poderão correr melhor pois duma cajadada se matam 3 coelhos: anima-se o produtor a plantar mais bacelos, dando-se-lhe um ganho de encher o baú; ajuda-se a tão «sacrificada» classe dos armazenistas e taberneiros que nem ganhavam para a Companhia das Águas com as coisas como estavam; e sempre se vai evitando mais eficazmente que o «Zé» se meta na tasca a gastar a féria que faz tanta falta em casa à mulher e aos filhos.

No capítulo da horta também não vejo que alguém tenha razão de queixa. Os tomates já estão a 5$00 o quilo e as outras hortaliças afinam, mais ou menos, pelo mesmo «lá-miré». Ouvi dizer que iam baixar estes preços, com o que aliás não concordo. Se deixam aviltar os preços perde o produtor, fica de tanga o desgraçado do intermediário que é sempre quem se vê mais aflito, e o «Zé» entra a estragar as couves e os feijões, o que não está certo.

Também me disseram ao ouvido que os ordenados iam aumentar. É claro que eu não acredito, e por duas razões: primeiro, porque sou avêsso a espalhar boatos, e segundo porque semelhante fenómeno é coisa que não convém a ninguém e muito menos à boa moralidade.

Não é segredo para ninguém que o dinheiro é o culpado de quase todos os vícios e pecados do mundo. Logo, raciocinando à moda do amigo Ramsés LV conclui-se que quanto mais dinheiro cada um tiver mais será a tendência para a pouca vergonha. Com o dinheiro na mão há quem afirme que compra tudo, até as consciências, e sabe-se que o diabo emprega como armas clássicas para tentar e desviar as almas do bom caminho, quer em notas do banco, quer em panelas cheias de libras de cavalinho.

Mas há mais. Quem preze um pouco a sua dignidade não gosta do dinheiro. O dinheiro dá-se indistintamente, com vádios, ladrões, boas pessoas, e até ministros de Estado. Com pasmosa facilidade sai da algibeira dum homem honrado para o bolso do maior vigarista de todos os tempos, e não tem qualquer escrúpulo em dar-se mesuseiro e sorridente ao mesmo tempo com um e outro.

Mas ainda há mais. O dinheiro é portador de toda a casta de micróbios e devia merecer de toda a gente o mesmo combate que merecem, por exemplo, a mosca, a pulga e o percevejo. Se é em papel deteriora-se com facilidade e enche os bolsos de restos carregados de agentes patogénicos; se é em metal, em razão da naturalíssima força da gravidade, rompe os panos, arrebenta costuras e deixa qualquer «indígena», na maior parte das vezes, sem lugar para nada, nem mesmo para cotão.

Finalmente, o dinheiro não dá felicidade a ninguém. Ponderem nisto os meus amigos e tenham juízo: agarrem no dinheiro que tiverem e mandem-mo lá a casa porque, aqui para nós que ninguém nos ouve, ando um bocado em baixo de «crôas» e sem elas a gente não se governa.

**Olenga**

# III CURSO DE PARAQUEDISTAS

(*Continuação da 2.ª página*)

quartel a minha satisfação era imensa por verificar que tinha dado mais um passo em frente e que a distância que me separava do fim era cada vez menor.

Os dias sucediam-se, os sacrifícios continuavam, começava a desenhar-se em mim uma espécie de desespêro e mau humor que sempre consegui refrear e evitar; depois, a frio, numa rápida introspecção, reconhecia a minha falta de senso e esboçava um sorriso como que a perdoar o erro e prometia não voltar a cometê-lo. Posso afirmar sinceramente que foi difícil conseguir educar o meu espírito neste capítulo mas acabei por vencer a vontade do corpo com vantagem para a minha própria vontade!

Aproximava-se o final deste período preparatório. Fomos avisados de que teríamos que ser submetidos a um teste final para o qual haviam sido estabelecidas marcas mínimas, a não observância das quis daria a eliminação. A prova por excelência era um cross de 10 Km! A minha preocupação era enorme; pois se os 5 era já uma prova muito dura, como não seria o dobro?

Pouco mais de uma semanana tinha para me preparar convenientemente. Passei a dedicar-me mais intensamente aos exercícios respiratórios e aos «cangurus» e durante a ginástica entregava-me completamente a todos os exercícios por forma a tirar o máximo rendimento de todos eles.

E foi assim que quando se chegou ao dia da prova eu estava em óptima forma para poder suportar a dureza que ela exigia. No entanto eu não contava só com a minha preparação física; eu tinha que levar em conta o desejo veemente de chegar ao termo da prova, como o «endurance» e resistência que abarcara durante as precedentes quatro semanas. Esse espírito de paraquedista estava já arreigado no nosso espírito, e tanto, que quantos assistiram à partida tantos foram os que terminaram a prova dentro do tempo regulamentar! Só o esforço dispendido correspondia directamente com a melhor ou pior preparação que cada um de nós possuia.

Nessa altura pensei ter percorrido metade do caminho que me separava do fim do Curso. Estava satisfeito, confiante em mim próprio, e convencido de que o pior havia já passado se bem que me afirmassem o contrário. Eu não acreditava que pudesse haver pior! Pior ainda?! Como?

Finalmente chegou a oportunidade de tirar a prova real. A instrução comecou e com ela redrobou o esforço a dispender por cada um de nós; embora estivéssemos aprendendo já tudo o que se relacionava com o paraquedismo pròpriamente dito, aquelas 8 horas de instruçât pareciam intermináveis e os castigos muito contribuiam para isso. Ao cabo do primeiro dia de trabalho calculei o que me esperava até que terminasse o Curso; na verdade, tudo indicava que seria uma prova demasiado dura e quem quer que desejasse chegar à parte final, teria que se aplicar a fundo, redobrando de energia e vontade, aplicação e sacrifício.

No primeiro dia de saltos da torre a expectativa era enorme; duas preocupações me assolavam o espírito: uma, de carácter puramente psicológico, que assentava no factor da sorte; a segunda de carácter temperamental, que consistia na decisão. Todavia, foi com uma calma disfarçada que me apresentei ao monitor, na plattaforma. Há que acrescentar que as suas palavras de encorajamento muito contribuiram para o meu êxito logo da primeira vez, não evitando contudo que o prémio fosse uma completa de 20!!! E em que altura! Estes castigos, se bem que precedidos de uma crítica favorável, incutiam-me no espírito o desejo de aperfeiçoar cada vez mais a execução do exercício, o que na realidade ia conseguindo... à custa de muitas «completas»!... Depois chegou a vez de executar a aterragem. Este salto, se bem que à primeira vista pareça muito mais inofensivo, é o que na realidade, mais nos custa, pois o mínimo descuido que se cometa, tem como consequência... é melhor nem lembrar! Claro que a seguir ao tombo, que às primeiras vezes nunca saía convenientemente, sucediam-se as «completas» e uns ensaios no banco que completavam os «estragos» da primeira queda. Ainda não refeitos, fazia-se ouvir o alto falante – que fazia parte dos instrumentos da instrução – a brindar-nos com umas flexões ou cangurus. E era nesta toada de agitação que decorria a instrução naquele campo de estágio.

Ao fim da tarde, quando nos preparávamos para destroçar, era-nos sempre servido um «lanche», onde não faltava nada—segundo nos diziam—mas que nos custava suor (e a alguns, lágrimas também!).

A instrução ia decorrendo, os dias passando, a confiança foi aumentando, as esperanças precruscedendo, e a vitória tomando forma. Os sacrifícios não cessavam; os castigos continuavam, e as mesmas correrias, o mesmo alto-falante, as mesmas maquetes, a mesma torre, os crosses, os instrutores...

Antes de começarmos a saltar de avião fez-se um teste de provas físicas. Eu tinha conhecimento daquilo que era capaz de fazer; a moral com que me apresentei era francamente boa e não foi com muito esforço que consegui umas marcas satisfatórias como aliás os outro alunos. Depois desta prova, faltava o teste final: os saltos do avião! Mas «isso» não era problema para equacionar; o pior estava consumado e afinal não fora difícil, conforme me haviam dito: foi dificílimo!

Ao décimo salto era considerado paraquedista! Havia chegado ao fim! Fora uma prova dura, cujo êxito se alcançou à custa de muito esforço, fé, suor e acima de tudo, muita vonlade de vencer! Terminara o curso, conquistara o cobiçado título! Não me deram o brevet, não; ganhei-o! E como eu—agora posso dizê-lo eu porque sei o que eles pensam – nenhum dos outros camaradas de curso, se não ufanará de dizer sou PARAQUEDISTA! Sou do III CURSO DE PARAQUEDISTAS!

*E. Carreiro*

# CANDIDATOS A PARAQUEDISTAS

(*Continuação da 2.ª página*)

Alguns esclarecimentos acerca de todas estas provas.

*Combate de boxe:* os candidatos são divididos em grupos de dois com pesos e estaturas aproximadas; interessa demonstrar «genica», espírito de luta e iniciativa; não importa a técnica, para convencer não é necessário vencer. Nunca voltar as costas ao adversário nem querer poupá-lo porque é amigo, conhecido ou pela simples razão de que nunca nos fez mal. E ser atingido não é razão senão para atacar com mais vivacidade.

*Salto para a lona*: Não é um bicho de sete cabeças e basta um pouco de decisão. Deve-se saltar sem hesitação, bem para a frente, braços estendidos para cima, cabeça levantada, e procurar tocar a lona primeiro com a barriga.

*Muro de pedra*: Tem um metro de alura e é fácil passá-lo desde que se elimine o medo de partir as canelas, e se pense que no salto em altura com fasquia é preciso transpor 1,20

*Passagem de pórtico*: Este é apenas uma trave de cimento com 30 centímetros de largo, a 5 metros do solo; deve ser atravessado a correr.

Nos seltos em altura e a pés juntos é escolhida a melhor de três tentativas.

*O salto a pés juntos*: é feito sem corrida, apenas com balanceamento do corpo; contagem feita desde o risco da partida até ao ponto em que tocara os cancanhares ou a mão (no caso de queda para traz).

*A corrida de 60 metros*: é talvez a prova em que é mais fácil obter uma boa pontuação.

*A subida de corda*: é feita a pulso, isto é, sem qualquer auxílio das pernas ou pés; proibido saltar para iniciar a subida.

*Os abdominais:* são feittos da seguinte forma: deitado de costas, mãos dadas atráz da nuca, pés seguros por camaradas; um exercício completo consiste em levantar o tronco mantendo as mãos na nuca, incliná-lo para a frente até tocar com o cotovêlo no joelho contrário e voltar à posição inicial. Dispõ-se de 3 minutos para a prova e permite-se descansar durante esse tempo.

*As flexões de braços*: são executadas da maneira seguinte: deitado de barriga, pés unidos, pontas dos pés apoiadas no chão, mãos debaixo dos ombros; um exercício completo consiste em estender os braços mantendo todo o corpo direito (sem arquear) e voltar à posição inicial tocando apenas levemente com o tronco no chão. Não se permite descansar apoiando o corpo no chão.

*A corrida de 200 metros*: é feita transportando de qualquer maneira (normamente às costas) um saco de areia que pesa aproximadamente metade do peso do candidato.

E aqui termina a inspecção própriamente dita. Quem chegou ao fim está qualificado para frequentar o Curso de Paraquedista. Em altura oportuna será mandado apresentar no Batalhão de Caçadores Paraquedistas onde o esperam novas aventuras. As ginásticas de todos dias, o banco, o arnez suspenso, a tôrre, o instrutor com cara de mau o paraquedas, o avião... um sem fim de novidades! E se chegar ao fim, também a ambicionada boina verde, a honra de pertencer a um punhado de homens que procuram saber vencer tudo e todos.

*F. Marques*

# PARAQUEDISTAS — HOMENS DE ACÇÃO HERÓIS SEM TEMOR...

*Continuação da 2.ª página.*

O SALTO: O salto em combate — dizem os que falam por experiência—é uma dura prova Está calculado que pode provocar um desgaste de energia igual a oito horas de trabalho. Se pois, nos primeiros momentos após a chegada ao solo, o paraquedista é capaz dum «elan» extraordinário em virtude da reacção que se segue à tenção nervosa que precede o salto, é necessário facultar-lhe depois um certo repouso.

O REAGRUPAMENTO: Sendo o intervalo entre dois homens que saltam consecutivamente, devido à velocidade do avião, de cerca de cinquenta metros fácil é imaginar o que representa reagrupar um Batalhão com todo o seu equipamento, após o salto — sobretudo de noite ou quando os aviões são atacados pela DCA ou ainda quando os paraquedistas têm que combater antes de se poderem reunir.

TRANSPORTE: Quando uma Unidade é lançada em território inimigo não é normalmente, rica em meios de transporte. São muitas vezes os próprios paraquedistas que têm que efectuar os transportes, o que representa para o pessoal um esforço esmagador: reduzindo ao mínimo absolutamente indispensável o seu equipamento, mas mantendo, como é natural o armamento, as munições, os víveres, o paraquedista carrega com 20 a 30 quilos.

Havendo combate, fácil se torna então imaginar o que sreá o problema do transporte de um ferido: quatro homens para o transportar (em terreno difícil), mais quatro para transportar o equipamento destes e do ferido e quatro ainda para renderem os primeiros

Com todas as suas servidões, o Batalhão de Caçadores Paraquedistas, é uma Unidade de VANGUARDA. A sua juventude dá-lhe dinamismo e vontade de progredir e de renovar sem cessar, tanto nos seus meios como nos seus métodos e nas suas mais nobres aspirações. Pode-se afirmar que, ao fim do seu tempo de serviço nesta Unidade, o «recruta» transforma-se num SOLDADO capaz de cumprir as missões que lhe forem cometidas, mas será também um homem de carácter.

— Confiante nas suas possibilidades.

— Pronto a encher o seu papel na Sociedade.

Guardará do serviço militar uma lembrança grata por lhe ter permitido descobrir e conhecer melhor a beleza do esforço, a sua capacidade, a grandeza da camaradagem. Na Força Aérea ele recebeu — e sabe-o bem — uma consciência mais nítida do seu valor como indivíduo e uma mais forte confiança no futuro.

## CAIR DO CÉU AOS TRAMBOLHÕES... HISTÓRIA DO PARAQUEDISMO

A primeira notícia que dá conhecimento dum paraquedas remonta do ano de 1306: um dos números dos festejos de coroação do imperador chinês FO-KIEN foi um lançamento de altas torres de alguns acrobatas munidos de uma espécie de guardas-chuvas de papel. Aparecem depois muitas mais notícias, umas com visos de verdade, outras com ar de lenda mas é certo que em 1514 LEONARD DA VINCI desenhou e construiu um paraquedas, a que chamou «baldaquino». Não faltou um atrevido milanez que quiz experimentá-lo. Saltou com ele de uma torre—e morreu, como seria de esperar. Apesar do extraordinário prestígio de Leonard da Vinci não foi possível repetir a experiência por falta de voluntários e sòmente um século depois em 1617 um outro italiano conseguiu saltar sem perigo (diga-se de passagem, com um paraquedas inspirado no de Da Vinci). Parece, porém, ter sido uma circunstancia puramente acidental que deu, nos tempos modernos, grande impulso ao estudo dos paraquedas: emFrança — não podia deixar de ser em França—José Montgolfier observando as roupas da sua mulher estendidas para secar verificou que o vento as enchia e elevava. Tomou esta observação como ponto de partida para estudar e ensaiar e em 1779 efectuou a primeira experiência: com um paraquedas de 2,5 metros de diâmetro é lançado, do alto duma torre de 35 metros, um cordeiro, dentro dum certo. Ao chegar ao solo o animal fugiu espavorido, ante a hilariedade do público. De então para cá estudos e experiências continuaram, com um imenso cortejo de sucessos e insucessos, de vitórias e derrotas:

— Em 1912 o americano BERNY salta pela primeira vez de um avião.

— Em Julho de 1934 JEUDO FOVINOV salta de 8.100 metros e faz 42 segundos de queda antes de abrir o paraquedas.

— Pouco depois, 1935, uma russa salta de 7.935 metros e o seu compatriota ZABELIM faz 3.600 metros de queda livre, de noite, em 66 segundos.

— Em Março de 1938, NILAUD, um francês, salta de 11.265 metros completando 170 segundos de queda e, pouco depois, LEO VALENTIN estabelece o record mundial saltando de 7.200 metros sem inalador, e fazendo 113 segundos de queda livre.

— Finalmente, no ano passado COLLETE DUVAL salta, no Rio de Janeiro de cerca de 12.000 metros completando mais de 4 minutos de queda quase ao mesmo tempo que o seu compatriota VALENTIN se deixa matar ao saltar com umas asas de sua invenção e interrompe – mais uma vez — o velhíssimo sonho do homem que é voar.

O paraquedas moderno oferece segurança quase obsoluta: abre-se sempre, e os raros acidentes de gravidade podem quase sempre imputar-se a erros grosseiros cometidos na dobragem ou na saída do avião. Em mais de um milhão de saltos efectuados na Inglaterra e na América verificaram-se as percentagens de um acidente por cada 17 mil e 10 mil saltos respectivamente.